

VIAGEM A SÃO SARUÊ: O TEMA DA TERRA EM PERSPECTIVA SEMIÓTICO-ESTILÍSTICA E DIALÓGICA

Morgana Ribeiro dos Santos (UERJ)

Resumo: Este artigo discute o tema da terra em que se vive ou da terra em que se gostaria de viver, elegendo-se como foco da investigação o poema de cordel “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos (1978). Observa-se, com o aparato teórico da Estilística influenciada pela Semiótica e da perspectiva dialógica, como as categorias dos substantivos e adjetivos/ locuções adjetivas contribuem para a arquitetura sógnica do texto, que constrói duas linhas isotópicas opostas: a da fartura na terra imaginária São Saruê e a da escassez experimentada pela população pobre do Nordeste, prejudicada constantemente pela seca e pelas injustiças sociais. Além disso, apresentam-se outros textos da literatura canônica e cordelística, assim como do cancioneiro popular, centrados na temática do lugar em que se vive ou do lugar paradisíaco, imaginário, a fim de sugerir propostas de leitura dialógicas e enriquecer a discussão sobre a exaltação da terra.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Viagem a São Saruê; Terra; Substantivos; Adjetivos/ locuções adjetivas; Significação.

Abstract: This article discusses the theme of the land in which one lives or of the land in which one would like to live, being chosen as the focus of the research the poem of cordel “Viagem a São Saruê”, by Manuel Camilo dos Santos (1978). It is observed with the theoretical apparatus of Stylistics influenced by Semiotics and the dialogical perspective, how the categories of nouns and adjectives / adjectives phrases contribute to the signic architecture of the text, which constructs two opposing isotopic lines: that of the abundance in the imaginary earth São Saruê and the shortage experienced by the poor population of the Northeast, constantly harmed by drought and social injustices. In addition, other texts of the canonical and cordelistic literature, as well as the popular songbook, are presented, focusing on the theme of the place where one lives or of the paradisiacal and imaginary place, in order to suggest dialogical reading proposals and to enrich the discussion about the

exaltation of the earth.

Keywords: Cordel literature; Viagem a São Saruê; Earth; Nouns; Adjectives/ Adjective phrases; Meaning.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta uma discussão que se inicia na leitura de um fragmento do cordel “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos (1978), ressaltando-se o valor semiótico-estilístico dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas na construção de duas linhas isotópicas que orientam o sentido geral do texto em análise. A primeira enaltece a abundância da terra utópica de São Saruê, e a segunda se insinua no poema, revelando a escassez que assola as camadas mais carentes do povo brasileiro, em especial, nordestino.

A fim de enriquecer a construção dos sentidos a partir da leitura do poema “Viagem a São Saruê”, aprofunda-se a reflexão sobre a temática da terra, estabelecendo diálogos com outros textos canônicos e populares que ora idealizam a terra natal ou a terra em que se vive, ora denunciam suas mazelas, sem perder, contudo, o afeto e, no caso do exilado ou do retirante, a saudade.

Além da perspectiva dialógica professada por Bakhtin (2000), a base teórica desse estudo se fundamenta em estudos estilísticos e semióticos, considerando-se textos de

Simões (2009), Monteiro (2009), Câmara Jr. (1978), Martins (2000), Lapa (1982) e Fiorin (2008).

Cabe salientar que o presente estudo está engajado na valorização da literatura de cordel e da inventividade popular que essa manifestação registra e perpetua. Defende-se que essa poética popular deve estar inserida nas aulas de língua materna, visto que expressa o imaginário do povo em textos elaborados e com evidente riqueza sónica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de sustentar a proposta de leitura do fragmento de “Viagem a São Saruê”, do cordelista Manuel Camilo dos Santos (1978), e as relações dialógicas que podem ser estabelecidas com outros textos inspirados no tema da terra natal ou terra em que se vive, consideram-se, inicialmente, os estudos de Simões (2009). A autora desenvolve suas pesquisas em Semiótica com base nos trabalhos de Peirce, que, segundo ela, “não se ocupou do signo verbal, senão da construção de uma teoria universal que abrigasse signos de qualquer natureza” (p.63). Na perspectiva de Simões (2009), o signo é dinâmico, ou seja, é um “objeto que se movimenta em meio aos movimentos sociais e que se cria e recria cotidianamente” (p.21).

O signo pode se caracterizar como símbolo – natureza convencional –, índice – representando determinado objeto com base na contiguidade – ou ícone – funcionando a partir da similaridade. Simões (2009) aponta a manifestação da iconicidade na seleção, organização e emprego dos recursos linguísticos. Segundo a autora,

É observável: a seleção vocabular como representativa de usos e costumes diversos; a colocação dos termos nos enunciados como imagem das opções de enfoque ou das posições discursivas; a eleição do gênero e do tipo textual como indicador da relevância dos itens temáticos e lexicais contemplados no texto etc. Também o projeto de texto, sua arquitetura visual ou sonora, é material icônico a ser observado. (p.78)

Simões argumenta que “a iconicidade será tão mais eficiente (no que concerne à representação de seu objeto) quanto mais adequada for a seleção de itens léxicos (palavras ou expressões) por parte do enunciador” (2009, p.84). Nessa perspectiva, entende-se a importância do léxico para a representação do mundo por meio da linguagem.

A autora ressalta a importância da iconicidade isotópica para a construção do sentido. Isotopia, segundo a semioticista, é a “propriedade de um enunciado ser substituído por equivalente no plano do conteúdo, embora sejam diferentes

no plano da expressão. Dessa forma tem-se a isotopia numa tomada sinonímica” (2009, p.88). Simões defende, todavia, que essa noção seja ampliada, afirmando que “é possível (...) defini-la como a possibilidade de um recorte temático” (2009, p.89).

Simões destaca que os recortes temáticos ou isotópicos são estabelecidos pelo emprego do léxico. Nas palavras da pesquisadora, “a garantia dos recortes isotópicos propostos para esse ou aquele texto se assenta exatamente na possibilidade de identificação de itens léxicos (palavras ou expressões) que constituam campos lexicais ou campos semânticos” (2009, p.89). Como exemplo, a autora cita as isotopias da traição e do ciúme que conduzem o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Simões salienta a seleção e a aplicação elaborada dos elementos linguísticos como procedimentos desencadeadores de efeitos especiais de sentido. Segundo a estudiosa,

Não é novidade que os signos verbais sejam regulados por uma gramática. No entanto, o arranjo destes na produção dos enunciados muitas vezes transcende as normas gramaticais estabelecidas e gera novas possibilidades estruturais sem que com isso a gramática seja aviltada. Cumpre lembrar que as normas existem

para regular um padrão de produção ao alcance da média de utentes. No entanto, há fórmulas não-previstas, às vezes surpreendentes, que enriquecem a expressão e amplificam o potencial semiótico do texto: ora pela escolha do item sótico mais apropriado ora pelo arranjo mais estratégico dos signos. (SIMÕES, 2009, p.93-94)

Nessa perspectiva, as observações da semiótica, que também produziu trabalhos orientados pela Estilística, apresentam uma interseção com a ciência que se ocupa do estilo ou “a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade”, conforme estabelecido por Charles Bally (*Apud* MONTEIRO, 2009, p.39).

Segundo Câmara Jr. (1978), “a estilística vem complementar a gramática” (p.14), investigando os desvios do sistema linguístico, que inscrevem no discurso uma personalidade ou estilo. O estudioso explica que o sistema linguístico proporciona certo grau de liberdade ao falante, o que dá margem à atividade criadora. Em outras palavras, “a liberdade que a língua faculta num ou noutro ponto permite-nos ser originais continuando, pelo menos, inteligíveis; e essa oportunidade o nosso espírito logo aproveita para o fim das suas exigências expressivas” (p.16).

Câmara Jr. afirma que um dos propósitos da Estilística é a “depreensão desse mecanismo de motivações que a linguagem expressiva estabelece, entre o significante e o significado” (1978, p.19). Ou seja, a Estilística, até certo ponto, questiona ou relativiza a arbitrariedade do signo linguístico, postulada por Saussure: “a carga expressiva, estendendo-se a todos os elementos linguísticos, forceja por anular o princípio da arbitrariedade, sob cuja égide eles se constituíram” (1978, p.18).

O estilo, segundo o autor, não se limita ao plano individual. Reconhecido o valor social da linguagem, Câmara Jr. amplia a noção de estilo para o plano coletivo: “o estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta sorte que se pode falar até no estilo de uma língua, como pôs em evidência Bally para o francês em cotejo com o alemão” (1978, p.16).

Nas palavras do estudioso:

Visando à pesquisa da personalidade linguística, podemos fazer a estilística de um sujeito falante especialmente dotado, e, no âmbito literário, concentrarmo-nos num poeta ou num pensador de nota. Dada, por outro lado, a circunstância de que o estilo tende a ser um denominador comum de um grupo humano coeso, podemos no mesmo sentido tratar de uma época, ou de uma escola literária,

ou de uma classe social, ou investigar uma gíria, quer entendida como calão de malfeitores, onde se exteriorizam recalques e impulsos afetivos, quer ainda, *lato-sensu*, como um estilo popular coletivo. (CAMARA JR., 1978, p.23)

Martins (2000), tratando da estilística da palavra, afirma que os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas – classes de que se ocupa o presente trabalho – se incluem na categoria das palavras lexicais, “também chamadas lexicográficas, nocionais, reais, plenas” (p.77). A autora explica que essas palavras, “mesmo isoladas, fora da frase, despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações” (p.77). Segundo Martins, as palavras lexicais “têm significação extralinguística ou externa, visto que remetem a algo que está fora da língua e que faz parte do mundo físico, psíquico ou social” (p.77).

Lapa, a respeito do valor estilístico do substantivo, observa que “pouco difere do adjetivo, são dois aspectos duma mesma realidade linguística” (1982, p.92). Segundo o autor, “a própria origem do nome tem mais de adjetivo do que de substantivo” (1982, p.92), já que “ao princípio, todos os seres foram designados por uma qualidade fundamental que os caracterizava” (1982, p.92). O estudioso ressalta a

importância do adjetivo na arte de escrever, pois a aplicação precisa dessa categoria de palavras a fim de contribui para “dar cor a tudo, às coisas e aos pensamentos” (1982, p.99).

A fim de subsidiar a leitura dialógica do fragmento do cordel “Viagem a São Saruê” em cotejo com outros textos da poesia canônica e cordelística e letras de música do cancionero popular, consideram-se os estudos de Bakhtin (2000). Sobre a relação dialógica entre os enunciados, o autor explica que o discurso sempre recebe uma atitude do ouvinte como resposta.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em colaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (p. 290)

Nessa perspectiva, a “atitude responsiva ativa” transforma o ouvinte em produtor de discurso. Nas palavras do estudioso: “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (p.290).

Segundo a orientação bakhtiniana, a interação humana ocorre em uma cadeia complexa de enunciados que são produzidos a partir de outros, em um processo contínuo.

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 2000, p.291)

Bakhtin (2000) esclarece que os enunciados carregam reminiscências de outros com os quais dialogam. Nas palavras do autor, “o enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (p.316). O estudioso afirma ainda que o enunciado é uma “resposta a enunciados anteriores”, pois “refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles” (p.316).

Em estudo sobre o pensamento de Bakhtin, Fiorin

(2008) distingue enunciado e texto. O enunciado, segundo o pesquisador, é “um todo de sentido, marcado pelo acabamento, dado pela possibilidade de admitir uma réplica” (p.52), corresponde a “uma posição assumida por um enunciador” (p.52). Fiorin afirma que “o texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos” (p.52). Nessa perspectiva, “há relações dialógicas entre enunciados e entre textos” (p.52). As relações dialógicas materializadas em textos são chamadas, segundo o estudioso, intertextualidade.

Na próxima seção, será apresentada uma análise concentrada nos efeitos de sentido decorrentes dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas empregados no poema de cordel “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos (1978). Além disso, investiga-se o diálogo desse texto com outros que se inspiram no tema da terra natal ou terra em que se vive, a fim de subsidiar o trabalho docente no ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa.

ANÁLISE DO CORPUS

Nesta proposta de leitura, aborda-se o tema da terra, elemento importantíssimo na literatura de cordel, devido às suas raízes rurais. O lugar em que se vive ou o lugar em que

se deseja viver sempre inspira os poetas, sejam populares ou da literatura considerada canônica.

A discussão será iniciada a partir da leitura do poema “Viagem a São Saruê” (*Apud* SILVA, 2008, p.311), do cordelista Manuel Camilo dos Santos (1978), que nasceu em 1905, em Guarabira, Paraíba, e faleceu em 1987. O poema, rico em lirismo e utopia, narra uma viagem imaginária à terra encantada de São Saruê, uma espécie de paraíso onde os habitantes desfrutam de saúde, riqueza e felicidade.

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: – Você
Camilo vá visitar
o país de São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.

Inicie a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
e vi a aurora abismada.

Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte

o irmão da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passaram lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

Passei do carro na brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.

Enquanto a tarde caía
entre mistérios e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar

o mar revolto banhando
as dumas da beira mar.

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: – São Saruê
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de “rubim”
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim.

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despolpado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado.

Galinha põe ovo todo dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem pras casas
são grandes, gordos, cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar

não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Maniva lá não se planta
nasce e ao invés de mandioca
bota cachos de beiju
e palmas de tapioca
milho a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.

Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
denaycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota roupas prontas
próprias para o pessoal.

Os pés de chapéu de massa
são tão carregados
os de sapatos da moda
têm cachos “aloprados”
os pés de meias de seda
chega vive “escangalhados”.

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar a atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão

as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

Os pés de notas de mil
carrega chega encapota
pode tirar-se à vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folhas tudo é nota.

Lá quando nasce um menino
não dá trabalho criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
salta, corre, anda e faz
tudo quanto se mandar.

Lá não se vê mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho à vontade
quando sai fora parece
Ter vinte anos de idade.

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo e bonito,
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Aarão
conduziram o povo de Israel,
onde dizem que corria leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá, eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de “rubim”
no qual um letrado dizia assim:
– é feliz quem visita este país.

Vou terminar avisando
a qualquer amiguinho
que quiser ir para lá
posso ensinar o caminho
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

O poema de Manuel Camilo dos Santos apresenta trinta e três estrofes, trinta e uma sextilhas em redondilha maior, nas quais rimam o segundo, o quarto e o sexto versos, e duas décimas de versos decassílabos, em que o primeiro verso rima com o quarto e o quinto, o segundo verso rima

com o terceiro, o sexto verso rima com o sétimo e o décimo, o oitavo rima com o nono. A sextilha, modelo de estrofe predominante no poema, segundo Viana (2010), é a principal modalidade de estrofe do cordel (p.35).

Nos versos de Manuel Camilo dos Santos, descreve-se uma terra idealizada e incomum, ou seja, estranha à realidade conhecida. A terra de São Saruê se assemelha à Canaã bíblica, citada na trigésima primeira estrofe, terra prometida por Deus ao povo hebreu: “uma terra boa e larga, [...] que mana leite e mel” (Êxodo, 3.8). A terra de São Saruê é rica, revestida com os materiais mais preciosos: ouro, cristal, brilhante, marfim, prata, rubim (rubi), cetim, sua natureza é farta, os alimentos são abundantes, há disponibilidade de bens materiais, como vestimentas, e imateriais, como inteligência, beleza, poesia, e seus habitantes vivem em situação de igualdade.

Em virtude da extensão do poema, destacamos para uma análise mais cuidadosa treze estrofes do texto, da décima até a vigésima segunda, nas quais descreve-se o país de São Saruê e enfatiza-se a abundância de alimentos.

Percebe-se no fragmento em análise duas linhas isotópicas, a da riqueza de São Saruê e a da escassez que maltrata o nordestino. A linha isotópica da abundância é

explícita, enquanto a da pobreza se insinua. Todavia, esta última é a que sustenta a oposta, relativa ao delírio da terra de São Saruê. A compreensão da pobreza experimentada pela maioria da população nordestina depende, na leitura desse texto, da atenção à linha isotópica implícita.

A fartura de São Saruê e a qualidade de vida de seus habitantes são construídas, no poema, sobretudo, pelo emprego de substantivos, adjetivos e locuções adjetivas. Na tabela abaixo, apresentam-se essas classes de palavras, que descrevem a terra paradisíaca e deixam escapar pistas da realidade conhecida pelo poeta e seus conterrâneos.

Substantivos e adjetivos/locuções adjetivas	São Saruê	Realidade
Estrofe 10	Cidade (como nunca vi) igual, coberta de ouro, forrada de cristal, rico	Pobre
Estrofe 11	Barra de ouro puro, placa, letras de brilhante, São Saruê, lugar	
Estrofe 12	Povo, gente alegre e forte, (povo) civilizado, bom, tratável, benfazejo	Abismado
Estrofe 13	Povo, São Saruê, felicidade, decente, dinheiro	Contrariedade
Estrofe 14	Tijolos das casas, de cristal e marfim, portas, barras de prata, fechaduras de “rubim”, telhas, folhas de ouro, piso de cetim	
Estrofe 15	Rios de leite, barreiras de carne assada, lagoas de mel de abelha, atoleiros de coalhada, açudes de vinho do porto, montes de carne guisada	
Estrofe 16	Pedras, São Saruê, (pedras) de queijo e rapadura, cacimbas, café coado e com quentura, grande fartura	

Estrofe 17	Feijão maduro, cozinhado, mato, arroz prontinho e despoldado, várzeas, peru cevado	
Estrofe 18	Galinha, ovos, capão, trigo, sementes, cachadas de pão, manteiga, nuvens, ruma, chão.	
Estrofe 19	Peixes mansos, povo, (peixes) acostumados, mar, casas, (peixes) grandes, gordos, cevados, guisados	
Estrofe 20	Bom, fácil, povo	Fome, doença
Estrofe 21	Maniva, mandioca, cachos de beiju, palmas de tapioca, milho, espiga, pamonha, pendão, pipoca	
Estrofe 22	Canas, São Saruê, bagaço, canos de mel, açúcar refinado, folhas, cinturão de pelica, cromado	Gozado

Tabela 1 – Recortes isotópicos em “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos (1978)

Diante da notável quantidade de substantivos e adjetivos/locuções adjetivas que assinalam a riqueza e a fartura de alimentos de São Saruê, que nascem sem a necessidade do árduo trabalho do agricultor, o foco será colocado nas palavras que estabelecem a oposição entre realidade e sonho. Na décima estrofe, o adjetivo “pobre”, substantivado, em relação ao antônimo “rico”, que caracteriza o povo de São Saruê, revela a realidade vivenciada pelo sujeito poético: a da escassez.

Na décima segunda estrofe, o adjetivo “abismado” expressa a admiração do eu lírico ao vislumbrar São Saruê. Na mesma perspectiva, na vigésima segunda estrofe, o adjetivo “gozado”, referente ao que se observa na terra maravilhosa, denota a surpresa de quem não está acostumado com a

abundância ali encontrada. Na décima terceira estrofe, afirma-se que a “contrariedade” não existe em São Saruê, em contraste, o que existe é a “felicidade”. Os substantivos “fome” e “doença”, na vigésima estrofe, estabelecem oposição a tudo o que há no país encantado, revelando o que se experimenta fora dos limites da utopia.

Um diálogo muito proveitoso com o poema de Manuel Camilo dos Santos pode se desenvolver a partir do cotejo com outros textos que exaltam uma terra imaginária ou idealizam a terra natal, como o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira (1993, p.143):

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca da Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo

Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Outros diálogos pertinentes podem ser estabelecidos com poemas que exaltam e idealizam a terra natal, temática comum tanto na literatura canônica quanto na popular. O clássico “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias (1846), e o cordel “Parque Pedra da Boca”, de Gil Ribeiro (2007), são bons exemplos.

O tema do lugar em que se vive é tão importante que foi eleito, desde 2008, como matéria das Olimpíadas de Língua Portuguesa, concurso nacional de redação para alunos das escolas públicas, do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Segundo o portal eletrônico do MEC, o tema “O Lugar Onde Vivo” desse concurso é “destinado a valorizar a interação das crianças e jovens com o meio em que crescem. Ao desenvolver os textos, o aluno resgata histórias, aprofunda o conhecimento sobre a realidade e estreita vínculos com a comunidade” (<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34492>. Acesso em 01 nov. 2016.).

Os versos de Gonçalves Dias, compostos em Portugal, revelam saudades da terra natal e exaltam os encantos das terras brasileiras:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(O Estado de São Paulo. *Clássicos da Poesia Brasileira*: Antologia da Poesia Brasileira
Anterior ao Modernismo. (1997. p.66-67)

Em cotejo com os poemas de elogio a terras imaginárias, o poema de Gonçalves Dias guarda semelhanças e diferenças. O poema descreve a natureza exuberante do Brasil, que é real, todavia, o sentimento nacionalista inebria os versos de Gonçalves Dias, culminando na idealização romântica da terra natal. Vale ressaltar que esse poema inspirou a composição do Hino Nacional Brasileiro, com letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva, como pode ser observado na segunda estrofe da Parte II do hino:

Do que a terra, mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais
flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.
(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/

Constituicao/hino.htm Acesso em
01Nov.2016)

Apresentam-se abaixo sete estrofes do cordel “Parque Pedra da Boca”, de Gil Ribeiro (2007). O cordel de Ribeiro – poeta nascido em 1967, em Serra de São Bento (RN), na fronteira com a Paraíba – se ocupa de descrever e exaltar o Parque Estadual da Pedra da Boca, localizado no município de Araruna, Paraíba, no limite com o Rio Grande do Norte.

Nesse local se avista
Nosso parque por inteiro,
As terras do calabouço
Com o Sítio de Coqueiros
Até cidades vizinhas
Avista-se nesta linha
Sem gastar nenhum dinheiro.

Também quero abordar
Sobre a Pedra do Carneiro
É na chegada do Parque
Bem antes da do Letreiro,
Ela é média e redondada
Fica na beira da estrada
Próximo duns pés de coqueiros.

Além dessas duas pedras
É bom visitar também
Outras raras maravilhas
Que o nosso parque tem
Como a Pedra da Caveira
Que está na cordilheira
Sem nunca assustar ninguém.

Sem dúvida a mais renomada

É a Pedra do Letreiro,
Sua pintura rupestre
É fonte pra o brasileiro
Estudar nosso passado
Vem gente de todo lado
Até mesmo do estrangeiro.

Ali sempre é visitado
Por matuto e doutor
Vem gente das faculdades
Estudante e professor
Estudar nossa pintura
Porém, aquela leitura
É vista com muito amor.

Acredita-se que o homem
Quando morava em caverna
Registrara sua marca
Símbolo da cultura eterna
Por isso nosso letreiro
É visto no mundo inteiro
Orgulhando nossa terra.

Porém com esse letreiro
O nosso turismo avança
Além disso é privilégio
A imagem duma santa
Que há muito tempo está
Naquele lindo lugar
Relembro desde criança

O poema de Gil Ribeiro se organiza em setilhas ou sétimas, com versos de sete sílabas poéticas ou redondilha maior. O poeta rima o segundo verso com o quarto e o sétimo, e o quinto verso com o sexto. Vale salientar que a redondilha

maior, observada tanto no poema de Gonçalves Dias quanto no de Gil Ribeiro, constitui a métrica favorita dos cordelistas.

Os versos de Ribeiro exaltam as riquezas naturais e arqueológicas do parque, seu potencial turístico e destacam, sobretudo, na antítese “matuto”/ “doutor”, registrada na quinta estrofe do fragmento, o parque como um tesouro que serve como elo entre os homens de diferentes condições, procedências e níveis de escolaridade, ou seja, o parque une os homens com o encantamento decorrente de sua beleza e história.

Entretanto, não só a poesia apresenta variedade de textos que louvam a terra natal ou a terra em que se vive. Textos de variados gêneros e tradições se ocupam desse relevante tema, por exemplo, letras de música.

O samba “Meu lugar”, de Arlindo Cruz e Mauro Diniz, gravado no álbum *Sambista Perfeito* (<http://arlindocruz.com.br/2007-sambista-perfeito/> Acesso em 12 nov. 2016), em 2007, enaltece o bairro carioca de Madureira, destacando a religiosidade, as crenças, a cultura, o modo de viver e as raízes afrodescendentes da população local.

O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar

O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar

O meu lugar
Tem seus mitos e seres de luz
É bem perto de Osvaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar
É sorriso, é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, lá laiá, Madureira, lá laiá

Ahh que lugar
A saudade me faz lembrar
Os amores que eu tive por lá
É difícil esquecer

Doce lugar
Que é eterno no meu coração
E aos poetas traz inspiração
Pra cantar e escrever

Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar
Vó Maria o terreiro benzer
E ainda tem jongo à luz do luar

Ai que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar
Madureira, lá laiá, Madureira, lá laiá,
Madureira

Em cada esquina um pagode num bar
Em Madureira
Império e Portela também são de lá
Em Madureira
E no Mercado você pode comprar
Por uma pechincha você vai levar
Um dengo, um sonho pra quem quer
sonhar
Em Madureira
E quem se habilita até pode chegar
Tem jogo de lona, caipira e bilhar
Buraco, sueca pro tempo passar
Em Madureira
E uma fezinha até posso fazer
No grupo dezena, centena e milhar
Pelos sete lados eu vou te cercar
Em Madureira
E lalalaiaia laia la la ia
Em Madureira

A canção de Arlindo Cruz e Mauro Diniz é tão representativa de Madureira e da cultura suburbana, que inspirou o livro de crônicas *O meu lugar*, organizado por Luiz Antônio Simas e Marcelo Moutinho, sobre bairros do Rio de Janeiro e arredores, lançado em 2015 (<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-10-14/o-meu-lugar-de-arlindo-cruz-e-mauro-diniz-inspira-livro-de-cronicas-do-rio.html> Acesso em 12.Nov.2016).

Além do diálogo com textos que enaltecem a terra real ou utópica, discussões proveitosas podem ocorrer nas aulas de língua materna ao debater-se o poema “Viagem a São Saruê”

em cotejo com textos que denunciam os problemas do lugar em que se vive ou do lugar em que se gostaria de viver. São comuns nas produções textuais nordestinas as queixas contra a seca, a fome, as desigualdades sociais, as condições de vida adversas enfrentadas pelos nordestinos pobres. Como contraponto à descrição idealizada da terra abundante de São Saruê, “Asa Branca”, um clássico do cancioneiro nordestino, composto por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em 1947, sem deixar de lado o amor pela terra natal e a dor da saudade, lamenta a escassez de recursos em decorrência da seca.

Quando oiei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei
A Deus do céu, ai
Pru que tamanha judiação

Qui braseiro, qui fornaia
Nem um pé de prantação
Pru farta d'água
Perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse
Adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão

Espero a chuva
Cair de novo
Pra mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio
Se espaia na prantação
Eu te asseguro
Num chore não, viu?
Qui eu vortarei, viu, meu coração
(GONZAGA, Luiz. Asa Branca. In: *O melhor de Luiz Gonzaga*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1989. Faixa n. 1)

Sabe-se que os enunciados são prenhes de resposta. Os enunciados que expressam denúncia ou queixas exemplificam isso com muita evidência. A canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira roga, tentando alcançar, pela beleza de sua lamentação, tanto os homens quanto o próprio Deus, a fim de obter a graça de viver em sua terra natal com dignidade.

Elegendo-se como ponto de partida desta seção o cordel “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos, verificou-se a importância da terra em que se vive ou da terra em que se gostaria de viver como tema de produções textuais. O estudo dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas no texto de Manuel Camilo revela a utopia de viver em uma terra abundante, rica e igualitária, que se opõe à realidade experimentada, especialmente, pela população carente do Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura do poema de cordel “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos (1978), observou-se o valor semiótico-estilístico dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas na arquitetura sónica do texto em foco. Identificaram-se duas linhas isotópicas no poema de Manuel Camilo: uma que exalta a riqueza da terra imaginária de São Saruê, e outra que se insinua, revelando as dificuldades enfrentadas pela população mais carente do Nordeste, representada pelo poeta cordelista.

A fim de ampliar a proposta de leitura do cordel “Viagem a São Saruê”, apresentaram-se outros textos da poesia cordelística e canônica, assim como letras de música do cancioneiro popular, que atestam a possibilidade de leituras dialógicas entre o cordel de Manuel Camilo dos Santos e os demais textos apresentados. Seja construindo um paraíso imaginário, valorizando as características da terra natal ou da terra em que se vive, ou denunciando suas mazelas, a Língua Portuguesa é plena de belíssimos textos cuja elaboração permite significar a esperança de viver feliz e dignamente.

A literatura de cordel, ao lado da literatura canônica e de outras manifestações da cultura popular, pode contribuir para o ensino da leitura e para ricas discussões sobre a Língua

Portuguesa e suas possibilidades. O poema de cordel “Viagem a São Saruê” expressa a dura realidade experimentada pelos nordestinos prejudicados pela pobreza e a utopia de viver em abundância, por meio da seleção e aplicação elaborada dos recursos disponíveis no sistema da língua materna.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (2000). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BANDEIRA, Manuel (1993). *Estrela da Vida Inteira*. 21.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BÍBLIA. (1995). *Bíblia de Estudo Pentecostal*. João Ferreira de Almeida (Trad.). CPAD.
- CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso (1978). *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- FIORIN, José Luiz (2008). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- GONZAGA, Luiz (1989). Asa Branca. In: *O melhor de Luiz Gonzaga*. Faixa n.1. Rio de Janeiro: Sony Music.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1982). *Estilística da língua portuguesa*. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna (2000). *Introdução à Estilística*. 3.ed. São Paulo: T. A. Queiroz.
- MONTEIRO, José Lemos (2009). *A Estilística: Manual de análise e criação do estilo literário*. 2.ed. Petrópolis: Vozes.
- O ESTADO DE SÃO PAULO (1997). *Clássicos da Poesia Brasileira*: Antologia da Poesia Brasileira Anterior ao Modernismo.
- RIBEIRO, Gil (2007). *Parque Pedra da Boca*. Folheto.
- SANTOS, Manuel Camilo dos. *Viagem a São Saruê* (1978). *Apud* SILVA,

Gonçalo Ferreira da. *Cem cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha.

SIMÕES, Darcilia (2009). *Iconicidade Verbal: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts.

VIANA, Arievaldo Lima (Orgs.) (2010). *Acorda cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. 2.ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

<http://arlindocruz.com.br/2007-sambista-perfeito/>. Acesso em 12.Nov.2016.

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34492>. Acesso em 01.Nov.2016.

<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-10-14/o-meu-lugar-de-arlindo-cruz-e-mauro-diniz-inspira-livro-de-chronicas-do-rio.html>. Acesso em 12.Nov.2016.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm. Acesso em 01.Nov.2016.

Morgana Ribeiro dos Santos é Mestre em Língua Portuguesa pela UERJ. Doutoranda em Língua Portuguesa pela UERJ. Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant, atuando no ensino de Língua Portuguesa a pessoas com deficiência visual. Participação do grupo de pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de Texto – SELEPROT. E-mail: morgribeiro@gmail.com.

Recebido em 23 de maio de 2017.

Aprovado em 14 de julho de 2017.